

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, tínhamos o desejo de organizar esta coletânea, construída ao longo dos últimos anos e animada por novos diálogos e encontros, assim como por alguns eventos ocorridos na história recente da psicanálise. Em razão dessa lenta preparação, ela pôde se constituir por meio de um movimento quase natural, como se tivesse vida própria, até encontrar um rosto multifacetado e congruente com a dimensão do problema abordado, à semelhança da cabeça de Janus, que sustenta, desde Freud, a impossível imagem do sujeito do inconsciente.

A questão da formação do psicanalista não poderia ser mais premente para a psicanálise de hoje, quando se faz um balanço dos avanços introduzidos por Lacan nesse âmbito e se os ajusta ao funcionamento de suas escolas contemporâneas. Além disso, a busca de regulamentação da prática da psicanálise em muitos países tem exigido dos analistas vigor na afirmação da especificidade de sua experiência, assim como a explicitação e a reelaboração dos dispositivos que estão em jogo na formação de seus operadores.

Quisemos apresentar em um único volume uma vasta gama de problemas, tratados sob as mais diversas experiências, não só porque, com Lacan, os parâmetros referentes à formação do psicanalista foram amplamente repensados, mas sobretudo porque, para ele, na formação do psicanalista, trata-se não de aprender, e sim de aprender a aprender.

O livro está dividido em quatro seções. A primeira trata de questões gerais da formação, tanto de suas características peculiares e de sua presumível especificidade estrutural quanto de sua história antiga e recente, e as três últimas trazem investigações incluídas nos segmentos do clássico tripé da formação do psicanalista: análise pessoal, ensino teórico e supervisão clínica. Partiu-se do princípio de que Lacan não rompeu com esse tripé, mas antes deu a ele maior consistência, ao promover intervenções radicais em cada um de seus segmentos. Ao contrário do que às vezes se afirma na precipitação própria à paixão do desconhecimento, a formação do psicanalista adquiriu rigor com as contribuições de Lacan.

Como ressalta Alain Didier-Weill em “Por um lugar de insistência”, após ter enunciado na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” que “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”, em “O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent”, na aula de 9 de abril de 1974, Lacan acrescentou ao seu enunciado estas quatro palavras: “e por alguns outros”. De certo modo, toda a problemática inerente à formação do psicanalista se acha embutida nesse enunciado e no acréscimo que lhe foi feito por Lacan. Quem são esses alguns outros? Como participam nessa autorização do analista? Ao passo que o enunciado original se refere à análise pessoal, por meio da qual o psicanalista, sozinho, chega a atingir essa autorização, as quatro palavras posteriores incluem em tal autorização precisamente os aspectos da formação que se situam mais além do âmbito da análise pessoal: o ensino teórico e a supervisão clínica.

Quanto à análise pessoal, Lacan introduziu a problemática de seu fim como elemento nuclear para conceber o surgimento do psicanalista como o operador da análise que emerge ao fim de uma experiência psicanalítica. O dispositivo do passe, introduzido por ele na Proposição de 1967, foi concebido como um verdadeiro método de pesquisa cujo objetivo era instaurar para os analistas um lugar de aprendizado sobre o que é o fim da análise. Observe-se, desde já, que temas lacanianos centrais abordados aqui por vários autores se ligam ao problema do fim da análise de forma direta ou indireta; entre outros, o sujeito suposto saber, o desejo do analista, a travessia da fantasia, a teoria dos discursos e o campo do gozo.

No segmento relativo ao ensino, Lacan inovou com a criação de cartéis, que pretendem incentivar o trabalho de elaboração teórica e otimizar as trocas entre analistas. Inovou igualmente com um estilo de seminário em que a referência à experiência freudiana é onipresente e a ponderação analítica, um método. Desse modo, propôs múltiplas formas ao desejo de saber, que, para nós, é o verdadeiro laço entre analistas. Por si só, a noção de transferência de trabalho implica uma reversão do trabalho de transferência, se é verdade que do saber obtido em uma análise com a travessia da fantasia emerge finalmente o não saber que erige o desejo de atravessar a teoria. A transmissão da psicanálise, portanto, é o fulcro decisivo que habita o desenvolvimento dos seis artigos dessa seção.

No tocante à supervisão, Lacan a retirou do cinturão institucional que transforma o desejo em obrigação, levando-a até o percurso de formação como algo que se impõe com a mesma legitimidade que é requerida pela psicanálise em sua experiência intensiva. Trata-se, assim, de incluir a supervisão no tempo de cada sujeito, e não mais de coaduná-la com um controle institucional que retira dela a força que lhe é inerente. Os quatro artigos aí reunidos mostram que Lacan

renovou o estatuto da supervisão e lhe conferiu um relevo fundamentalmente analítico que é diverso do mero controle, termo pelo qual, aliás, ela é conhecida na língua francesa.

A leitura conjunta das contribuições recolhidas indicará que a contribuição de Lacan no âmbito da formação analítica foi decisiva, pois faz valer a presença radical do discurso psicanalítico na formação do analista. Correlata aos avanços empreendidos por ele na teorização da prática da psicanálise, ela constitui, de fato, o seu corolário.

Rio de Janeiro, dezembro de 2006

Marco Antonio Coutinho Jorge